



RESENHA

ORRÚ, Sílvia Ester. **O re-inventar da inclusão** : os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 136 p.

A inclusão é um tema muito abordado na atualidade, e na Educação, é ainda mais estudado e revisto, pois não há uma possibilidade de uma sala homogênea, uma escola homogênea, e com isso, passamos a nos perguntar como exercer a igualdade aonde existe a diferença. Mas paraa entendermos e exercermos a inclusao, precisamos primeiramente nos desfazer do que nos faz excluir, com ou sem a intenção de fazê-lo.

Sílvia Orrú tem como embasamento teórico autores que compõem a corrente filosófica francesa contemporânea focada no pensamento pós-moderno e pós-estruturalista, revisando questões que derivam do peso do diagnóstico do individuo no entendimento da diferença. A diferença tem sido confundida com o diverso, com o diferente, com o que se contrapõe ao igual. Infelizmente tendemos a opormos as pessoas como, rico ou pobre, sadio ou doente, bonito ou feio, comparamos o normal com o deficiente. Tendemos a reduzir as pessoas a uma só característica que consideramos a mais marcante, como se ela de reduzisse a apenas essa característica, anulando todo o resto. Há uma certa facilidade em agir dessa forma, pois nos conforta na maioria das vezes, porque nos liberta de termos o enfrentamento de nossas próprias fraquezas. A complexidade da inclusão nos faz refletir nossa atuação profissional e social e o que está por trás dela. Nossos habitos e certezas devem ser contestados e questionados, pois demos confiabilidade a certas fontes e costumes da sociedade sem nos dar conta das consequencias trazidas de uma concepção da diferença que precisa ser melhor contestada e explicitada.

A autora ainda afirma que vivemos em uma concepção de ensino do Século XVII, ainda existe a tabula rasa, aonde somente o professor detém o conhecimento, fazendo conjunto com um currículo que não é flexível, nem as metodologias de avaliação, nem os professores e nem os pais dos alunos. Ainda existe um tempo predeterminado para que os alunos aprendam também um conteúdo predeterminado, quem não consegue acompanhar esse ritmo imposto, é taxado como lerdo, ou até mesmo procura-se os pais para que procurem uma ajuda profissional, ou tome remédios, como o muito popular “ritalina” que podem adoecer a criança que até então demonstrava ter muita energia, sem contar que não são raros os casos de suicídio infantojuvenil em que o medicamento utilizado para “conter” o individuo em suas excentricidades. O diagnóstico é não é fator determinante. Mesmo que duas pessoas possuam dislexia ou qualquer outra característica igual, isso não anula todo o resto do contexto do mesmo. Esse diagnóstico deveria ser a cura para toda a exclusão, de modo que, nós, educadores e também a sociedade como um todo, nos adaptemos as diferenças



de todos, e não universalizar essas pessoas e segregá-las como acontece na maioria das vezes.

Todos somos capazes de aprender e apesar de a LDB de 1996 ser clara quanto a inclusão de todos nas escolas e universidades, ainda nos deparamos com a posição de instituições que não aceitam alunos “diferentes” por não estarmos preparados, mas assim como a autora afirma, nunca estaremos preparados, mas iremos aprender com eles, vai existir um conhecimento sobre o aluno e uma adaptação de método de ensino a ele. A falta de diagnóstico de alguns alunos que não conseguem acompanhar o ritmo já predeterminado faz com que ele seja visto como incapaz de aprender, preguiçoso, mais lento, enfim, mas isso é um comodismo diante a um desafio de nos questionar quanto ao nosso trabalho. Algumas escolas no Brasil, inclusive públicas, se opõem a essa escola tradicional e tiraram esse currículo inflexível e aboliram essa segregação entre os alunos. Escolas como essas, mostram uma militância necessária para a mudança na Educação, essa que deve acontecer para além dos muros das instituições, onde existem projetos sociais, sites com informações do trabalho para que toda a sociedade conheça e entenda o valor da empatia, o valor do respeito e ao direito de todos, exatamente todos de terem a oportunidade de aprender.

Concluo com uma fala da autora, onde ela afirma que:

Diferença nada mais é que a qualidade daquilo que é diferente; nela há ausência de semelhança, há desconformidade, divergência, ela contém a própria diversidade, ela é inexata e, ao mesmo tempo, é excesso de uma grandeza, nela não há repetição. (ORRÚ. 2017, p. 129)

Firmemente, esse trecho fecha de maneira esplêndida toda a abordagem trazida pela autora.que marca toda essa discussão

**Resenhado por Juliana Carolina de Moraes, graduanda em Pedagogia pela
Universidade Federal de Mato Grosso.**